

Sinais de recuperação

PIB brasileiro cresce 1,9% no segundo trimestre frente ao primeiro trimestre de 2009, mas investimentos estrangeiros continuam caindo.

O ANÚNCIO DO Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de que a economia brasileira voltou a crescer no segundo trimestre deste ano, com alta de 1,9% do PIB (Produto Interno

Bruto) em relação ao trimestre anterior, confirma previsões feitas uma semana antes pelo ministro da Fazenda, **Guido Mantega**.



“As medidas adotadas tiveram efeito e o Brasil é um dos primeiros países a sair da recessão”, disse Mantega em Londres, no início de setembro, quando participava do encontro de ministros de Finanças do G20.

Um índice positivo, ainda que represente um recuo de 1,2% em relação a igual período em 2008. “O aumento do consumo das famílias, garantido pelo crescimento da renda real, foi o maior responsável pela recuperação da economia no segundo trimestre. Este consumo foi impulsionado pelo crescimento do crédito que, por sua vez, incentivou o setor de serviços, sobretudo o financeiro”, explicou Alcides Leite, professor de Economia da Trevisan Escola de Negócios. “Com os resultados do PIB do segundo semestre já é possível afirmar que a economia brasileira terá crescimento positivo em 2009. Algo que deve variar em torno de 1%”, comenta.

Já o investimento no país teve queda histórica de 17% em comparação com o segundo trimestre de 2008 – o pior resultado desde 1996 –, embora tenha se mantido estável em relação aos primeiros meses deste ano, com um total de investimentos de R\$ 118,8 bilhões.

China é hoje o maior comprador do Brasil

INCREMENTO NAS RELAÇÕES econômicas entre os dois países foi acelerado nos últimos dois anos.

A China superou os Estados Unidos, tornando-se neste primeiro semestre do ano o maior parceiro comercial do Brasil: as compras de produtos brasileiros pelos chineses somam, até junho, US\$ 10,4 bilhões, 30% acima do volume dos Estados Unidos, que ficou em US\$ 7,2 bilhões, de acordo com dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior sobre a balança comercial brasileira.

Na realidade, em seis meses a China na só ultrapassou o volume de compras dos EUA

como também da Argentina. Até o final de 2008, os Estados Unidos encabeçavam a lista de compradores de produtos brasileiros, com US\$ 27,4 bilhões, sendo seguido pela Argentina (US\$ 17,6 bi) e a China (US\$ 16,4 bi), que já havia superado a Alemanha em 2003.

A crise financeira internacional teve maior impacto no comércio exterior dos Estados Unidos, que em seis meses chega a pouco mais de 25% do total consolidado no ano passado. Este desempenho é similar ao da Argentina (US\$ 4,9 bilhões). O maior comprador do Brasil agora está do outro lado do planeta: do total de 69,9 bilhões exportados neste ano, quase um sexto é para a China – país que vem se consolidando como megapotência no cenário internacional, e não parece ter sofrido tanto o impacto da crise financeira mundial, assim como outros componentes do Bric.

Efeitos da crise

A DESPEITO DO CRESCIMENTO do PIB brasileiro, estudo da empresa de consultoria Economática aponta 11 empresas brasileiras entre as 20 latino-americanas de capital aberto que sofreram mais prejuízos no segundo trimestre deste ano. Três empresas do Brasil tiveram as maiores perdas.

O ranking é liderado pela estatal Eletrobrás, o maior grupo de energia da América Latina, que amargou um prejuízo de US\$ 1,071 bilhão entre abril e junho, ficando imediatamente à frente da Brasil Telecom, que acumulou perdas de US\$ 370,1 milhões no mesmo período. Em terceiro ficou a siderúrgica Gerdau, com perdas de US\$ 136,3 milhões.

Com base nos balanços do segundo trimestre, divulgados até 28 de agosto, o estudo incluiu apenas empresas com ações negociadas nas bolsas de valores da região. Também aparecem na lista as brasileiras Telemar Norte Leste (5º/US\$ 91 milhões), OGX Petróleo (6º/US\$ 76,3 milhões), Nossa Caixa (7º/US\$ 71,5

milhões), MPX Energia (10º/US\$ 41,6 milhões), Cobrasma (11º/US\$ 33,8 milhões), a produtora de alimentos Caf Brasília (12º/US\$ 23,4 milhões), a Teka (16º/US\$ 19,3 milhões) e petrolífera Manguinhos (20º/US\$ 16,3 milhões).

A Economática informa que se no estudo fossem incluídas todas as empresas de capital aberto da América, com exceção das do Canadá, apenas duas latino-americanas apareceriam na lista: as brasileiras Eletrobrás e a Brasil Telecom, na 6ª e na 18ª posições, respectivamente.

Petrobras: produção externa se recuperou

OS NÚMEROS CONSOLIDADOS pela Petrobras em agosto mostram que a empresa, mais do que ampliar sua produção no Brasil, voltou a ter uma produção média no exterior similar ou superior à de 2006, que era de 142,2 mil barris de petróleo/dia (bpd). Somente neste ano, o volume de petróleo extraído em ativos internacionais cresceu 20,2% de janeiro a agosto. Em julho, a média da produção externa da Petrobras atingiu 142,5 mil bpd, subindo para 146,9 mil bpd em agosto.

No Brasil, a produção de petróleo cresceu 5% em agosto, chegando a 1.980.222 bpd, bem próximo aos 2 milhões bpd. Os 42 mil bpd a mais resultam da retomada da operação em plataformas que estavam em parada programada (Cherne 1, P-9 e P-40), ao retorno da produção de poços no FPSO *Cidade de Vitória* (Golfinho) e na P-34 (Jubarte), além de entrada em produção de novos poços na P-51 (Marlim Sul) e P-31 (Albacora).

A produção conjugada de petróleo e gás natural no Brasil alcançou 2.296.260 barris de óleo equivalente por dia (boed), refletindo um aumento de 3,6% sobre o volume produzido em agosto do ano passado (2.216.881 boed). No exterior, esta produção chegou a 234.299 boed, 3,9% acima de agosto de 2008, devido à entrada em produção dos campos de Agbami e Akpo, na Nigéria.

Exportações brasileiras por país em US\$ bilhões

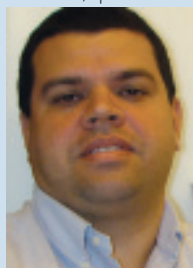
País	1990	2000	2005	2008	2009*
EUA	7,5 (1º)	13,1 (1º)	22,5 (1º)	27,4 (1º)	7,2 (2º)
Alemanha	1,8 (2º)	2,5 (3º)	5,0 (4º)	8,5 (4º)	2,7 (4º)
Argentina	0,6 (3º)	6,2 (2º)	9,9 (2º)	17,6 (2º)	4,9 (3º)
China	0,3 (4º)	1,0 (4º)	6,8 (3º)	16,4 (3º)	10,4 (1º)

(*) Compreendendo o período de janeiro a julho – Fonte: Secex/MDIC

Gestão mais austera

por Beatriz Cardoso

Os resultados da Petrobras no segundo trimestre deste ano refletem não somente crescimento da produção e a recuperação dos preços do petróleo como também maior controle de custos, mesmo em plena campanha de desenvolvimento do pré-sal. “O lucro líquido da Petrobras, de R\$ 7,7 bilhões (R\$ 0,88 por ação), superou a projeção dos analistas do mercado, que era de R\$ 6,7 bilhões”, observa



o economista e analista **José Góes**, da WinTrade. Um crescimento de 33% em relação ao primeiro trimestre, que teve um lucro líquido de R\$ 5,8 bilhões (0,66 por ação). O Ebitda de R\$ 17,5 bilhões eleva a margem para 39%, ficando também acima das expectativas.

Já a receita operacional, de acordo com o analista, apresentando crescimento de 5% em

relação ao trimestre anterior, ficando em R\$ 44,6 bilhões, não alterou as expectativas do mercado. “Existia uma preocupação de que um aumento dos custos da empresa pudesse gerar um impacto negativo nas margens. No entanto, os custos ficaram sob controle, com

resultados extremamente positivos, o que ajudou a melhorar as margens (17,6% de margem líquida e 39,2%, de margem Ebitda), melhores que as do segundo trimestre de 2008”, afirma José Góes.

De acordo com ele, a parada do TLD de Tupi não impactou o mercado, por ainda não haver uma produção significativa para a empresa. O analista da WinTrade afirma que é muito cedo para saber se o novo marco regulatório terá impacto maior sobre os



Foto: FPSO Cidade de São Vicente, Petrobras

resultados da Petrobras. “As regras não estão muito claras. Mas, dentro do que já foi informado, poderá até beneficiar a companhia, que terá participação em todos os projetos do pré-sal.” Ele concorda que embora possa contribuir para a valorização dos papéis da petroleira, o marco deverá afastar os investidores externos, o que poderá se refletir no processo exploratório, em termos de aquisição de novas tecnologias. ■

Opep deve manter a produção

NA PRIMEIRA SEMANA de setembro, os preços do petróleo subiram mais de 1%, perante as expectativas de que a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) vai manter as cotas de produção. O ministro do Petróleo da Arábia Saudita, Ali al-Naimi, declarou que o mercado mundial de petróleo está em boa forma e bem abastecido.

“O atual preço do petróleo está variando entre US\$ 63 e US\$ 73 por barril e há um consenso geral de que não haverá novos cortes (de produção)”, disse al-Naimi. “Os estoques mundiais são altos e satisfazem a necessidade do mercado para dois anos, mas eles vão começar a diminuir em um período curto”, acrescentou.

No ano passado, a Opep – cujos membros produzem cerca de 40% do petróleo mundial – decidiu retirar 4,2 milhões de barris diários do mercado em uma série de cortes de produção, na tentativa de impulsionar os preços da *commodity*. Segundo o ministro, recentes acontecimentos no mercado financeiro indicam que a demanda por petróleo está melhorando conforme a economia global começa a se recuperar da crise. “O mercado de petróleo mundial está em condição estável. Os preços da *commodity* são negociados em uma posição confortável

tanto para países produtores quanto para os consumidores”, disse.

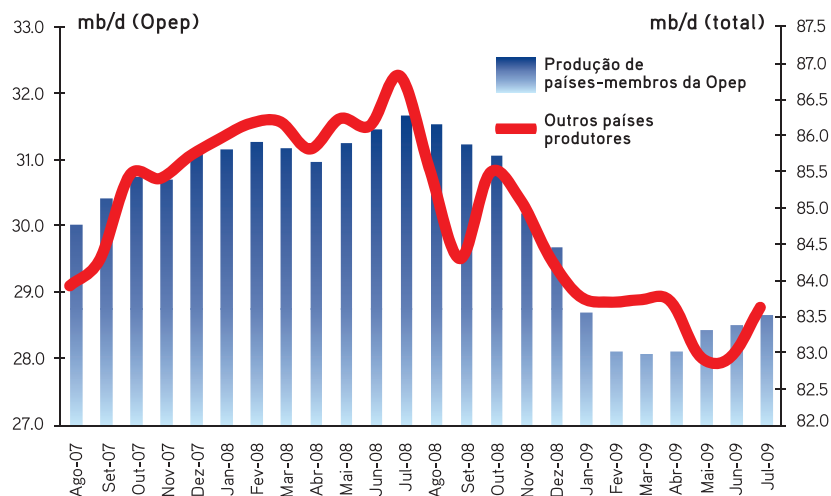
Na mesma semana, o preço do barril do Brent subiu hoje 3,9% na Bolsa Intercontinental de Futuros (ICE Futures) em Londres e fechou a US\$ 69,42, devido aos bons resultados dos mercados de valores, que continuam alimentando a confiança em uma pronta recuperação econômica.

O barril do Brent, de referência na Europa, para entrega em outubro fechou o pregão em

Londres US\$ 2,63 mais caro do que no fechamento anterior, quando finalizou em US\$ 66,79.

No pregão eletrônico em Nova York, os contratos futuros de petróleo subiam para perto de US\$ 69 o barril após o G-20 ter dito, em encontro no final de semana, que não deve interromper programas de estímulo econômico até que a recuperação se estabeleça. Alguns *traders* avaliaram que a extensão do suporte financeiro deve se traduzir em maior demanda por combustíveis.

Produção de países-membros da Opep e não-membros – ago/07 a jul/09



Frases

"Temos pressa em conceber essa nova lei para que o consórcio explorador tenha o seu petróleo e a União não seja lesada."

Edison Lobão, ministro de Minas e Energia – 02/09/2009 – G1, *O Globo*

"Isso (a proposta do governo de fazer da Petrobras a operadora única dos campos de produção do pré-sal) não é bom nem para a Petrobras. A Petrobras sempre será líder da indústria, como é hoje. Mas estender a ela a operação única vai limitar o aparecimento de outras empresas."

João Carlos de Luca, presidente do Instituto Brasileiro de Petróleo, Gás e Biocombustíveis (IBP) – 08/09/2009 – *Estado de São Paulo*

"A gente não quer fazer o que já vimos de experiência em outros países. Pegar o dinheiro e a gente torrar ele à toa nos gastos comuns do governo."

Luís Inácio Lula da Silva, presidente do Brasil – 10/09/2009 – *O Globo*

Produção de óleo e LGN (em mbpd) - Brasil (março a agosto/2009)

	Março	Abril	Mai	Jun	Jul	Ago
Bacia de Campos	1.722,8	1.705,5	1.721,7	1.657,4	1.676,3	1.716,2
Outras (offshore)	55,1	57,7	54,0	52,7	42,9	46,7
Total offshore	1.779,9	1.763,1	1.775,7	1.710,1	1.719,1	1.762,9
Total onshore	212,1	212,4	213,6	216,6	218,5	217,3
Total Brasil	1.991,9	1.975,5	1.989,3	1.926,3	1.937,6	1.980,2

Produção de GN sem liquefeito (em mm³/d) - Brasil (março a agosto/2009)

	Março	Abril	Mai	Jun	Jul	Ago
Bacia de Campos	27.519,2	26.066,9	25.771,1	27.249,8	27.684,6	28.869,7
Outras (offshore)	8.594,6	7.162,1	10.213,3	9.222,0	6.968,9	5.685,6
Total offshore	36.113,8	33.228,9	35.984,4	36.471,8	34.653,6	34.555,3
Total onshore	15.293,7	16.013,3	15.001,3	15.480,3	15.717,1	15.690,9
Total Brasil	47.095,2	49.242,2	50.985,7	51.952,0	50.370,7	50.246,2

Produção de óleo e LGN (em mbpd) - Internacional (março a agosto/2009)

	Março	Abril	Mai	Jun	Jul	Ago
Exterior	126,2	134,3	136,3	146,3	142,5	146,9

Produção de GN sem liquefeito (em mm³/d) - Internacional (março a agosto/2009)

	Março	Abril	Mai	Jun	Jul	Ago
Exterior	16.378,1	16.904,2	17.032,6	17.955,3	17.200,2	14.845,6

Produção total de óleo, LGN e de gás natural (em mboe/d) (março a agosto/2009)

	Março	Abril	Mai	Jun	Jul	Ago
Brasil+Exterior	2.537,9	2.519,1	2.546,5	2.505,3	2.498,1	2.530,6

Fonte: Petrobras

Bolívia quer reunião com a Petrobras

COM QUEDA ACENTUADA na importação de petróleo pelo Brasil, o governo boliviano está organizando uma reunião entre os presidentes das estatais Yacimientos Petrolíferos Fiscales Bolivianos (YPFB) e a Petrobras, para falar sobre os volumes de compras brasileiras de gás natural.

"A negociação com o Brasil está aberta, no entanto, nós, antes de 24 de setembro, vamos organizar um encontro entre os presidentes das duas empresas", disse o ministro de Hidrocarbonetos, Óscar Coca – segundo notícia veiculada pela agência estatal ABI.

O contrato de compra e venda de gás é a pauta central da conversa, que ainda não tem data marcada. A expectativa do governo boliviano é manter ou aumentar os mercados de exportação de gás. O presidente da YPFB, Carlos Villegas, pensa em alterar o contrato de venda de gás natural para o Brasil, estabelecendo cotas fixas que permitam à Bolívia ter volumes de gás extras para o mercado internacional.

O fato é que o Brasil tem consumido menos gás do que o estabelecido no contrato de 20 anos assinado em 1999, de 31 milhões de m³/dia de gás natural. A importação média tem sido de dois terços deste volume. E a Bolívia quer monetizar as reservas prováveis e provadas de 1,34 trilhão de m³ de gás natural – a segunda maior depois da Venezuela.

Aço: produção acelera mas não se recompõe

A PRODUÇÃO BRASILEIRA de aço bruto, de 2,5 milhões de toneladas em julho, teve um crescimento de 28,5% em relação a junho. No entanto, representa uma retração de 22,8% em relação ao mesmo período em 2008. A produção acumulada de janeiro a julho totalizou 13,1 milhões de toneladas de aço bruto e 10,1 milhões de toneladas de laminados, o que significou queda de 36,9% e 33,8%, respectivamente, sobre o mesmo período de 2008.

As vendas internas somam 1,4 milhão de toneladas de produtos – crescimento de 9,1% sobre o mês anterior, refletindo a tendência de gradativa recuperação no mercado interno. Comparado com igual período de 2008, houve um decréscimo de 31,6%. De janeiro a junho, as vendas somam 8,3 milhões de toneladas – queda de 38,7% em relação ao mesmo período do ano anterior.

As exportações também caíram: atingiram 780 mil toneladas (-9,6%) no valor de US\$ 377 milhões (-11,3%). As vendas externas nos sete primeiros meses do ano totalizaram 4,3 milhões de toneladas e US\$ 2,5 bilhões de dólares – queda de 28,2% em volume e de 46,8% em valor, quando se compara ao mesmo período do ano anterior. ■